



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 3, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 3 - EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.03.23>

Recebido em: **24/08/2020**

Aprovado em: **27/08/2020**

PERFIL DO ALUNO E IMPORTÂNCIA SOCIAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS; STUDENT PROFILE AND SOCIAL IMPORTANCE OF YOUTH AND ADULT EDUCATION; PERFIL DEL ALUMNO Y IMPORTANCIA SOCIAL DE LA EDUCACION DE JOVENES Y ADULTOS

JEIZIANE DA SILVA OLIVEIRA

<http://orcid.org/0000-0002-3410-2094>

Resumo: A Educação de Jovens e Adultos corresponde a uma modalidade de ensino que visa garantir o direito essencial àqueles indivíduos que por diversas razões não puderam completar os estudos em idade regular. Devido às experiências de vida, tais sujeitos apresentam saberes que podem ser tomados como ponto de partida no estabelecimento de relação com os conteúdos propostos. Esse estudo visa conhecer o perfil dos estudantes e o papel dessa modalidade de ensino em suas vidas, através da pesquisa de referencial de apoio teórico, seguida de observação em campo e aplicação de questionário. Foi possível concluir que os alunos são oriundos de condições socioeconômicas desfavorecidas, lidam com as dificuldades de conciliar escola, trabalho e família e buscam melhores perspectivas de vida a partir dos estudos.

Palavras-chave: Educação. Jovens e adultos. Perfil do aluno.

Abstract: The education of youths and adults is a form of education that aims to guarantee the essential right of those who have not completed their studies at regular age. Due to life experiences, these students present knowledge that can be taken as a starting point in establishing a relationship with the proposed contents. This study sought to know the profile of students and the role of this teaching modality in their lives, through the research of theoretical support, followed by field observation and application of a questionnaire. It was possible to conclude that students come from disadvantaged socioeconomic conditions, face the difficulties of reconciling school, work and family and seek better living conditions from studies.

Key words: Education. Youth and adult. Student profile.

Resumen: La educación de los jóvenes y los adultos corresponde a una modalidad de enseñanza que tiene por objeto asegurar el derecho esencial para las personas que, por varios motivos, no han completado sus estudios en edad habitual. Debido a las experiencias de vida, tales sujetos presentan saberes que pueden ser tomados como punto de partida en el establecimiento de relación con los contenidos propuestos. Este estudio busca conocer el perfil de los estudiantes y el papel de esta modalidad de educación en sus vidas, mediante la investigación de referencia de apoyo teórico, seguido de observación en campo y aplicación de cuestionario. Fue posible concluir que los alumnos son procedentes de condiciones socioeconómicas desfavorecidas, lidian con las dificultades de conciliar escuela, trabajo y familia y buscan mejores condiciones de vida a partir de los estudios.

Palabras clave: Educación. Jóvenes y adultos. Perfil del alumno.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos é uma forma de educação e atenção às necessidades de um público específico. Necessidades que não são atendidas pelo ensino regular comum e que exigem que se leve em consideração as várias situações que desencadeiam a interrupção do processo de escolarização.

A seção V, do Capítulo II da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) define a educação de jovens e adultos e registra a exigência de que os sistemas de ensino adotem políticas específicas para as pessoas que não tiveram escolarização regular, sobretudo, conforme o parágrafo 1º, por meio da oferta gratuita de oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho (BARBOSA; BRAGA, 2018; BRASIL, 2016).

Esse cenário é composto por sujeitos de processos pedagógicos, que são ocultados e inferiorizados, até mesmo quanto à sofrida história de afirmação de suas identidades. Os coletivos concretos, históricos, as classes sociais e grupos subalternizados, os oprimidos pelas diferentes formas de dominação econômica, política e cultural, os segregados no padrão de trabalho, de acumulação, de ocupação da terra, de poder/saber. Aqueles que são ignorados na história da produção intelectual, cultural e pedagógica da humanidade, ignorados como produtores de saberes, valores, culturas e de processos pedagógicos próprios de suas lutas por emancipação e humanização (ARROYO, 2012).

Fazendo-se presentes como atores na cena escolar, social, política, cultural e na produção de saberes, reagindo às formas de ser pensados, tratados e subordinados nas relações de poder e dominação, esses grupos carregam para seus movimentos e para as escolas, vivências (de resistências e de aprendizados) de como foram pensados e colocados na ordem social, econômica, política, cultural e pedagógica. Ignorar esses povos e suas pedagogias representa uma lacuna intencional nas narrativas da história das ideias e práticas pedagógicas (ARROYO, 2012).

Nesse sentido nos questionamos: O que caracteriza os alunos da EJA e qual a importância da Educação de Jovens e Adultos para a vida desses sujeitos? Para responder tal questionamento o presente estudo buscou conhecer quem são e qual o papel da EJA na história dos estudantes, apresentando um referencial teórico e os resultados de uma experiência de contato com alguns desses indivíduos.

METODOLOGIA

Este trabalho resulta de uma solicitação da disciplina Práticas Pedagógicas em Educação de Jovens e Adultos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Inicialmente foi realizada pesquisa bibliográfica no intuito de constituir a base teórica e discussão do tema em sala de aula. Em seguida foram feitas duas visitas para observações em uma escola municipal com posterior aplicação de questionário direcionado aos estudantes de uma turma da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do estágio III, no ano de 2019.

O questionário foi dividido em 3 blocos, com 27 questões, sendo 3 questões subjetivas e 24 objetivas. No primeiro bloco “Quem sou eu?”, pensamos em conhecer algumas características pessoais, de emprego, de renda e de moradia desse aluno. No segundo bloco “Sobre os estudos”, pensamos em analisar o trajeto e a relação desse aluno com a escola. No terceiro bloco “Relações interpessoais”, com questões abertas, pensamos em ter uma noção de como se dão as relações interpessoais entre os alunos (e professor) no contexto da EJA.

Os questionários foram respondidos ao término da aula, após atividade de leitura individual, no segundo dia de visita. O ano letivo estava encerrando e alguns estudantes já possuíam os resultados

das avaliações, muitos saíram antes do horário previsto ou não estavam presentes. A turma era composta por 14 alunos, no entanto, apenas oito deles participaram do estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação popular e a alfabetização do jovem e adulto

Segundo Freitas (2007), o termo “popular” tem grande importância na trajetória dos trabalhos em educação de jovens e adultos, relacionando-se à possibilidade de poder honrar a origem, as necessidades e as características da maioria da população, de tal modo que os setores explorados, oprimidos e marginalizados possam aprender e eliminar a condição do “não saber” como mais um fator de exclusão em suas vidas.

De acordo com Gouveia e Silva (2015), os primeiros projetos de educação popular tinham como prioridade a alfabetização, apressando o ensino; e as atividades se restringiam a ler e escrever, mas essa prática não abrangia atividades e conteúdo que contribuíssem para a formação intelectual do aluno de uma forma mais ampla. Contrário a esse princípio, Freire (1996) afirma que a alfabetização de adultos é um ato político, criador e de conhecimento, que não poderia se reduzir ao ensino puro das palavras, sílabas ou letras em memorização mecânica. Pelo contrário, o processo de alfabetização tem no alfabetizando o seu sujeito. A necessidade de ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa anular a criatividade e a responsabilidade do educando na construção de sua linguagem escrita e na leitura dessa linguagem.

Na mesma linha de pensamento, Carvalho (1998) diz que antes de ensinar a decodificar as letras e sons, é preciso mostrar aos alunos os ganhos da leitura, por meio de atividades de compreensão que façam sentido, desde as etapas iniciais da alfabetização. Caso contrário, muitos continuarão pensando que a leitura é uma tarefa complicada, difícil e até mesmo inútil. Segundo a autora, aprender a ler como ato mecânico é um desastre. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos bobos e repetir sem fim exercícios de cópia, resulta em desinteresse e rejeição em relação à escrita. Segundo Lopes (2004) tal ocorrência configura uma tendência de tratar a educação como atividade econômica voltada aos interesses do mercado, como meio de formar mão de obra para garantia do sistema capitalista e não como formação cultural. Assim, o cidadão trabalhador já é formado nos moldes do sistema, pronto para “executar seus deveres”.

Gomes (2016 apud NEGREIROS *et al.* 2017) destaca que a Educação de Jovens e Adultos tem a intenção inicial de reparar uma dívida social; assim, se configura em um momento de novo sentido de vida para os indivíduos que irão refletir acerca dos seus conhecimentos, e ampliá-los de forma a atender as suas necessidades pessoais. Essa dívida se encontra dentro e fora do ambiente escolar: dívida social (como a necessidade de trabalhar cada vez mais cedo para sustentar a família) e dívida pedagógica (correspondentes às deficiências do processo educacional que muitas vezes se mostra discriminatório e não consegue envolver o indivíduo de forma que ele se sinta parte do processo ensino-aprendizagem) (GOUVEIA; SILVA, 2015).

Desse modo, mediante a inserção da EJA, os alunos têm a oportunidade de enfrentar o fracasso escolar (produzido no ensino regular), compreendido como a consequência da não apropriação do aprendizado escolar, que acaba culminando, muitas vezes, em reprovação ou em evasão escolar (NEGREIROS *et al.* 2017).

O aluno da EJA

Uma parte dos estudantes matriculados na EJA vem de um sistema educacional supressor e traz consigo o histórico de uma ou mais reprovações escolares. Nesse sentido, observa-se a ocorrência de práticas educacionais excludentes, que, gradativamente, tornam o processo ensino-aprendizagem

restritivo e segregador, engendrando comportamentos discriminatórios para com os alunos que não detêm um perfil que se configure dentro dos padrões escolares estabelecidos. A partir disso, é possível entender que a reprovação escolar é considerada uma das causas dos índices de evasão, e suas consequências geram impactos para o futuro do aluno, principalmente porque a falta de escolaridade impede sua inserção social (NEGREIROS *et al.* 2017). Se o aluno vem de uma condição menos favorecida, trabalha, cuida da família, associa-se a falta de tempo para dedicar-se aos estudos, logo as chances de reprovação só aumentam.

Os provenientes de uma cultura não escolar têm que se inserir e interagir com os modos de funcionamento particulares da instituição. Contudo, seu aprendizado inicia-se muito antes de frequentarem a escola, visto que eles aprendem a lidar com as situações, necessidades e exigências recorrentes da sociedade. Portanto, quando começaram a estudar, já tiveram contato com materiais impressos, cálculos, medidas, língua materna falada, ferramentas de trabalho e equipamentos elétricos e eletrônicos (VARGAS; GOMES, 2013).

Os sujeitos da EJA são personagens históricos, sociais e culturais, dotados de conhecimentos e experiências acumulados, com saberes diversos, que vêm da interação com o meio, do fazer e dos papéis sociais que desempenham nas fases da vida. São detentores de opiniões acerca dos mais variados assuntos que, por essa razão, têm muito o que dizer, e necessitam da intervenção de instituições culturais capazes de estimular o desenvolvimento de suas potencialidades (BRASIL, 2006 b; VARGAS; GOMES, 2013).

Neste sentido a sala de aula é o sítio de encontro entre alunos, professor e conhecimento. As vozes desses protagonistas podem ser ouvidas, ampliadas e aprimoradas através da interação entre eles e deles com o conhecimento. Tal conhecimento resulta de uma motivação dos seres humanos para explicar o mundo e a si mesmos, bem como para responder aos desafios propostos pelo ambiente, resultando, portanto, de uma interação entre o ser e o meio externo. Trata-se de um constante ir e vir da informação externa com os conhecimentos que já dispõem (BRASIL, 2006 b).

Os que retomam os estudos depois de adultos, após um tempo de afastamento da escola, ou aqueles que começam os estudos nesse período, protagonizam histórias reais, ricas em vivências. São indivíduos com crenças e valores que já foram constituídos e carregam uma bagagem de proposições e teorias. Assim as instituições recebem educandos com traços de vida, origens, idades, práticas profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamento completamente variados. A cada realidade corresponde um tipo de aluno. São indivíduos que conhecem o mundo do trabalho, têm responsabilidades sociais e familiares, possuem princípios éticos e morais desenvolvidos a partir dos conhecimentos, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos (AMORIM, 2018; BRASIL, 2006 a).

Podemos dizer então, que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer. Abertos à aprendizagem, eles vão para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, receptivo e por outro, ativo, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa (BRASIL, 2006 a). Tais estudantes levam para a escola um olhar cheio de finalidades, sejam elas particulares ou em comum com o grupo, o olhar atento e observador que se configura na vontade e na curiosidade do aprender.

Representação da escola para o aluno da EJA

A escola representa um lugar de recolocação social, de formalização do saber, de sociabilidade, de desenvolvimento pessoal, lazer, novas experiências e convivência com heterogeneidade (BRASIL, 2006 b). Os indivíduos buscam a instituição para satisfazer necessidades particulares e de aprendizagens em potencial, para se integrar à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas não podem participar plenamente dela quando não dominam a leitura e a escrita. Como cidadãos e trabalhadores que são, buscam mais do que conteúdos prontos para serem reproduzidos, eles querem se sentir sujeitos participativos, e crescer cultural, social e economicamente (BRASIL, 2006 a).

Como a maioria dos educandos trabalham, eles acabam encontrando no período noturno a possibilidade de continuar estudando, apesar das muitas dificuldades. Tal pressuposto foi confirmado em nossas visitas. Contudo, eles trazem em seu imaginário uma prática de ensino (já conhecida, porque já passaram por ela antes ou porque acompanham o cotidiano de seus filhos) que nem sempre é aquela com que se deparam no contato efetivo. Nesses casos muitos esperam encontrar o modelo tradicional, onde predominam aulas expositivas, com o professor detentor do saber e muita atividade de casa, exercícios em que predominam a cópia, a memorização e a repetição. Os alunos mais velhos, por exemplo, se mostram resistentes à nova concepção que os coloca como participantes mais efetivos no processo educativo, que espera deles práticas ativas de aprendizagem (BRASIL, 2001; 2006 a; b).

Ademais, uma característica frequente desse protagonista é sua baixa autoestima, muitas vezes reforçada pelas já referidas situações de fracasso escolar. Com um desempenho anterior comprometido, ele volta à sala de aula com uma autoimagem fragilizada, expressando sentimento de insegurança e desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. Nos mais velhos, a baixa autoestima se traduz em timidez e bloqueios. Nos mais jovens, é comum que se expresse pela indisciplina e autoafirmação negativa (BRASIL, 2001; 2006 a).

Os sujeitos da EJA vivenciaram o estigma social da condição de analfabeto, ou estudaram por curtos períodos, percorrendo uma trajetória descontínua, marcada por insucesso e exclusão. Por esse motivo, um aspecto fundamental da sua inserção nesses programas é o fortalecimento dessa autoestima, a afirmação de sua identidade como cidadãos de direitos e como seres produtivos e criativos, intelectualmente capazes, detentores e produtores de cultura (BRASIL, 2001). Nesse sentido, o retorno à escola vem como uma possibilidade de mudança para suas vidas, no sentido da efetivação do direito desse aluno e na sua participação na sociedade, embora muitas vezes as deficiências estruturais e a relação que eles fazem e sentem com a metodologia e o ensino muito semelhante ao destinado à educação infantil e ensino fundamental, acabem comprometendo suas expectativas, as quais incluem desde a necessidade profissional até completar os estudos em instituições de ensino de nível superior.

Os desafios da classe de EJA

Muitos dos educandos são migrantes que passaram por processos de “desterritorialização” e que vivem os desajustes de inserir-se em novos espaços nos quais têm dificuldade de reconstruir sua identidade (BRASIL, 2001). Os traços físicos, modos de falar, agir e reagir, formas de lazer, preferências culinárias e musicais presentes nas classes nos remetem a várias regiões. Há pessoas que saem de suas cidades de origem em busca de melhores condições de vida, trabalho, moradia, estudos e de novas oportunidades. Esse quadro revela a riqueza da cultura marcada pela pluralidade (BRASIL, 2006 a). Devemos considerar que nas classes de EJA, o aprender deve ter sentido, e isso se ancora especialmente na satisfação das necessidades dos indivíduos e na atenção a pelo menos uma parte de suas expectativas, considerando a sua cultura e suas raízes.

Na sala de aula se encontram pessoas que comumente possuem baixo poder aquisitivo, que de modo geral, consomem, o básico à sua sobrevivência, cujo lazer fica por conta dos encontros com as famílias ou dos amigos e eventos das comunidades das quais participam, em muitos casos seus pais tiveram ou têm escolaridade inferior à sua, revelando aspectos em comum na turma (BRASIL, 2006 a; b). Por outro lado, a diferença de idade e a diversidade de crenças, valores, gênero, histórias, realidades e expectativas podem constituir, inicialmente, obstáculos à formação do grupo. É muito comum que os mais velhos critiquem os mais jovens e que estes se recusem a trabalhar com aqueles. Toda essa complexidade gera uma grande dificuldade de entender as particularidades gerais e ainda as necessidades diferenciadas que estes apresentam (BRASIL, 2006 b; GOUVEIA; SILVA, 2015).

Quanto aos motivos do retorno à escola, destacam-se as dificuldades que se mostram presentes na

realidade, a consciência da importância de concluir os estudos para que tenham êxito em sua vida profissional, a busca por melhor qualificação, a vontade de dar melhores condições de vida à família, a recuperação do direito e da confiança na educação. Além disso, a recuperação da autoestima, a intenção de ser um exemplo para os filhos, uma maior oferta de vagas em escolas próximas às residências e a busca por conhecimento e cultura (GOUVEIA; SILVA, 2015).

Os mais jovens, geralmente, foram recentemente afastados do ensino regular, ou por vontade própria ou pelo sistema (devido à defasagem idade-série) que acaba encaminhando-o para a EJA. Esse aluno não se sente parte dessa nova modalidade e tem dificuldade em se relacionar com os outros - de idades diferentes - demonstrando comportamento arredio (GOUVEIA; SILVA, 2015).

A importância social da EJA

A EJA tem inquestionável importância social na vida de quem a procura para novas possibilidades de melhoria de vida. Segundo Gomes (2016) e Barbosa e Braga (2018), atribui-se à Educação de Jovens e Adultos estas três funções: “a reparadora”, quando é oferecida uma escola de qualidade, no reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano; “a equalizadora”, quando permite ao indivíduo sua entrada no sistema educacional, uma reparação corretiva, ainda que tardia dando possibilidades aos indivíduos para novas inserções no mundo do trabalho e na vida social; e a função “qualificadora”, quando propicia novos conhecimentos, tendo como base o caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares.

Em se tratando de conhecimentos, uma pessoa que procura a escola em tal período da vida, é detentora de inúmeros deles, os quais, como visto, são adquiridos ao longo de sua história. Duas espécies destes conhecimentos, originados das experiências de vida dos alunos, merecem destaque: o saber sensível e o saber cotidiano.

O saber sensível é estabelecido na percepção das coisas e do outro. É sustentado pelos cinco sentidos e qualquer processo educativo deve ter suas bases nesse saber porque através dele, o aluno abre-se a um conhecimento mais formal, mais reflexivo. Representa a porta de entrada para construir um outro tipo de saber: o conhecimento científico. Pela sua experiência de vida, os alunos da EJA são plenos do saber sensível. A grande maioria deles é bem receptiva às situações de aprendizagem, manifestam encantamento com os procedimentos, com os novos saberes e com as vivências proporcionadas pela escola (BRASIL, 2006 a).

A segunda espécie de saber dos alunos da EJA é o saber cotidiano, que se configura como um saber reflexivo, pois vem da experiência. É um saber amadurecido, nascido de valores e princípios éticos que foram formados anteriormente à escola. Origina-se da produção de soluções que foram criadas pelos indivíduos para os desafios que enfrentam na vida e caracteriza-se como um saber aprendido e consolidado em modos de pensar gerados no dia a dia. É uma espécie de saber das ruas, frequentemente assentado no senso comum, mas é pouco valorizado no mundo letrado, escolar e frequentemente, pelo próprio aluno (BRASIL, 2006 a).

Pelo fato de que muitos destes sujeitos são trabalhadores e/ou tem responsabilidades familiares, algumas restrições e dificuldades se configuram para o chegar e o estar na escola, sendo assim, os horários e a grade curricular são, muitas vezes, obstáculos à entrada e permanência do aluno. Sendo assim, justifica-se a necessidade de repensar horários de entrada e saída, os tipos de tarefas extraescolares, as exigências em torno da frequência, as propostas feitas (que não conseguem manter os alunos motivados e atuantes), de tal modo que estar na escola, a despeito do cansaço, do adiantamento de outros compromissos e da ausência da família seja realmente importante e indispensável. Além disso, os conteúdos trabalhados devem favorecer o aprimoramento, o aprofundamento, a ressignificação do corpo de conhecimentos que o estudante já possui (BRASIL, 2006 b).

Por fim, desde Freire, a educação de jovens e adultos vem caminhando na direção de uma educação democrática e libertadora, comprometida com a realidade social, econômica e cultural desses sujeitos (BRASIL, 2006 a). Entender a escola como um direito básico de desenvolvimento pessoal é o primeiro passo para que eles possam superar os sentimentos de inferioridade e incapacidade, assumindo o papel de cidadãos conscientes dos seus direitos. Ter clareza do papel na escola na sua vida e da importância social atribuída a ela é fator de estímulo para que seja considerada a continuidade dos estudos e a dedicação a eles, visando a recuperação da autoestima, da identidade pessoal e cultural e o reconhecimento mútuo dos educandos (BRASIL, 2001).

Freire (1967) defende um diálogo do homem sobre o seu contorno e até sobre os desafios e problemas que o faz histórico. O autor aborda que a palavra jamais pode ser vista como um uma doação do educador ao educando mas sempre como um tema de debate. Com base em sua perspectiva, a educação deve atuar significativamente para a decisão, para a responsabilidade social e política, para o desenvolvimento e para a democracia, ampliando as condições de existência do homem possibilitando a discussão corajosa de sua problemática e a sua inserção nesta problemática, para que, com consciência, ganhe força e coragem de lutar, ao invés de ser submetido às prescrições alheias.

Assim, de acordo com Freire (1967) a partir das relações do homem com a realidade (resultantes de estar com ela e de estar nela), pelos atos de criação, recriação e decisão, ele pode ir dinamizando o seu mundo, dominando a realidade e humanizando-a. A partir da consciência da realidade é possível que esses sujeitos tenham consciência do seu lugar e da possibilidade de agir no sentido da mudança (FREIRE, 1994).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira visita à escola municipal, nos informamos sobre a quantidade de estudantes e a frequência. Havia 14 alunos, mas este número poderia ser menor nos dias letivos. Segundo a docente, alguns deles só apareciam nos dias em que houvessem avaliações. Também vale ressaltar que o número de alunos que iniciaram o ano letivo foi diminuindo ao decorrer dos meses. Ademais, foi relatado pela professora X que muitos idosos deixaram de estudar por causa do mau comportamento que alguns dos seus colegas (mais jovens) tinham em sala de aula.

A professora solicitou nossa ajuda para tirar dúvidas dos alunos caso fosse necessário. Estava sendo feita avaliação de História. Foi possível perceber que muitos alunos tinham dificuldade de leitura, precisavam que lêssemos cada questão da avaliação. A professora X e alguns alunos haviam nos informado sobre o aluno mais velho da turma, que tinha um jeito peculiar. Um idoso de aproximadamente 75 anos, que tinha uma certa resistência e queria conduzir as atividades ao seu jeito (e não era contrariado). Ele tinha dificuldades de leitura e escrita, e em sua avaliação apenas transcreveu parcialmente o enunciado das questões, se negando a aceitar auxílio. Como vimos na literatura pesquisada, a multiplicidade de idades acaba provocando impaciência e diferenças de posturas e de interesses nas turmas de EJA (PORCARO, 2011).

Em contrapartida, alguns alunos pareciam muito dependentes de ajuda e não arriscavam ler e responder a avaliação antes que tivessem atenção individual, porém o tempo estava avançando e não era possível dedicar uma atenção maior a cada um deles. Alguns entregaram a avaliação com poucas questões respondidas. Era uma avaliação simples, com um pequeno texto para leitura e interpretação, com respostas abertas. Na segunda parte, questões fechadas tratando de datas e fatos históricos do país.

Na segunda visita, alguns alunos não estavam presentes, o que consequentemente reduziu a quantidade de questionários respondidos. A professora mais uma vez solicitou ajuda para acompanhamento individual dos alunos em uma atividade de leitura a partir do livro didático. Cada

aluno escolhia três textos para fazer a leitura em um de seus livros e, ao terminar, respondia o questionário. Percebemos que alguns ficaram nervosos, inicialmente, com medo e vergonha de errar as palavras, teimavam em ler rápido (mesmo não estando totalmente preparados), mas aos poucos foram ficando mais tranquilos. De acordo com Porcaro (2011), a baixa autoestima gera bloqueios e muitas vezes tira dos educandos a possibilidade de aprender. Muitos acabam se subestimando e deixando de respeitar o próprio tempo relacionado ao “fazer” suas atividades.

De uma forma geral, percebemos que alguns alunos conseguiam ler sozinhos, mas outros ainda precisavam de muito auxílio e aparentemente terminaram o ano letivo sem “dominar” uma leitura mais básica. Havia dificuldade em relação ao fato de que os alunos pareciam esperar muito pela atenção individual que acabava não sendo totalmente direcionada por muitas razões, entre elas, a falta de tempo. Talvez pudesse haver um planejamento de forma que aqueles que têm mais dificuldades fossem atendidos de alguma maneira especial, sem deixar de lado os outros. Nossa intenção não é fazer uma crítica nesse sentido, mas relatar o que percebemos no contexto. A heterogeneidade dos níveis de aprendizagem, espera que o educador tenha que atender ao mesmo tempo, educandos que se encontram em diferentes níveis no processo de aprendizagem (PORCARO, 2011). Segundo Oliveira (2007 apud PORCARO, 2011) seria preciso investir na construção de um currículo que desenvolvesse o diálogo entre essas diferenças.

Quanto ao questionário, a maioria dos estudantes necessitou de ajuda para a leitura das questões. De acordo com as respostas, verificamos que houve um predomínio de adultos, na faixa etária de 37 a mais de 47 anos. A maioria deles eram casados, trabalhavam e moravam em casa própria, com cônjuge e filhos (todos tinham filhos). Apenas uma pessoa respondeu que morava em residência alugada. Dos que trabalhavam, a maior parte era no período diurno, recebendo um salário mínimo. Somente um estudante possuía emprego informal, afirmando que não possuía carteira assinada. Duas pessoas afirmaram receber recursos financeiros provenientes do Programa Bolsa Família.

A maioria dos estudantes era do gênero feminino. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres possuem mais anos de estudo em comparação aos homens (MELO, 2014). E ainda, de acordo com Fernandes *et al.* (2016), a EJA é uma grande esperança para que elas adquiram autonomia, confiança e possam transformar suas realidades e de suas famílias.

Em relação aos estudos, apenas um aluno não tinha contato anterior com a escola. Todos tinham mais de três anos longe dos estudos e sentiam-se motivados. A maioria relatou que voltou a estudar por vontade de aprender; a segunda maior resposta foi devido ao trabalho; destacamos também uma estudante que voltou a estudar para “tentar se motivar e fugir da tristeza”, pois havia perdido um familiar há pouco tempo e precisava “ocupar-se de alguma forma”. Assim, evidencia-se que promover a educação fundamental de jovens e adultos é importante para responder aos imperativos do presente e também para garantir melhores condições educativas para as próximas gerações (BRASIL, 2001). Além disso, não podemos deixar de perceber o papel que de alguma forma os estudantes atribuem à escola, a exemplo de casos como o da referida estudante, que recorreu ao retorno dos estudos como um amenizador de seu estado emocional, e, segundo ela, lhe trouxe boas perspectivas.

Já a interrupção dos estudos envolveu várias razões, incluindo a necessidade de trabalhar, de ajudar em casa, houve relato de problemas depressivos, entre outros. Mais uma vez destacamos a força do fator emocional e percebemos que ele esteve associado tanto de forma positiva (influenciando na volta aos estudos) como de forma negativa (influenciando no abandono dos mesmos) porém em casos distintos.

No que concerne à escola, todos os indivíduos participantes apontaram que gostavam dela mas a maioria relatou que sentia dificuldades para aprender. Foi notada uma clara dificuldade acerca da distância entre residência e escola, que acabava desconcentrando um pouco alguns dos estudantes,

visto que ao se aproximar determinado horário, já ficavam preocupados, pelo fato de estudar à noite e morar longe tendo que ir para casa a pé ou esperar ônibus.

Em relação à professora, a maioria dos estudantes a reconheceram como uma mediadora da aprendizagem. Alguns demonstraram muita admiração por ela, por ser, segundo eles, dedicada, paciente, espontânea, descontraída, deixando o ambiente mais leve. De acordo com Camargo (2017), os professores estão desprovidos de um processo de formação inicial específico e formação continuada que embasem suas atuações. No entanto, apesar dos problemas, se relacionam bem com o campo profissional e isso os motiva a continuar.

Nesse sentido, os educadores tentam disponibilizar para os alunos um ambiente e atividades agradáveis de forma a amenizar as situações negativas que já sofreram ao longo de sua existência, tornando a sala de aula e a EJA ambientes mais aconchegantes (CAMARGO, 2017). Na mesma perspectiva, Sousa (2016) infere que o educador pode propiciar um ambiente de aprendizagem significativa quando seu foco está no desenvolvimento integral do estudante. A autora destaca a necessidade de atividades que promovam a participação com criatividade, estimulando o aluno e contribuindo para reduzir a desistência e a evasão.

Os alunos relataram que frequentavam bem a escola, porém percebermos uma contrariedade no sentido do que foi informado pela professora X sobre a real quantidade de alunos que frequentavam as aulas, o que, inclusive, condiz com a realidade da rotina das turmas de EJA, principalmente por questões de cansaço devido a jornada de trabalho. Por fim, ainda no segundo bloco, expressaram que gostavam de diversos recursos para a aprendizagem, tais como: leitura de livros didáticos, vídeos, filmes, músicas e observação das aulas. Em consonância, Sousa (2016) assegura que o livro tem o seu espaço porém há outros materiais que podem ser utilizados para trabalhar os conteúdos. Para a autora são muitos os recursos a serem utilizados, cabendo ao professor adequá-los ao plano de aula, considerando as especificidades da turma e do conteúdo, para que a aula seja proveitosa, chamando atenção dos estudantes e realizando assimilação com o cotidiano.

De uma forma geral observamos que parecia haver uma boa relação em sala de aula, alguns alunos conversavam bastante entre si, evidenciaram a importância do diálogo, destacaram o espaço dado para a tecnologia das redes sociais estreitando os laços. Além disso, parecia haver uma boa relação com funcionários, como foi verificado na fala de um estudante ao ser questionado se já havia feito amigos na classe: “Amigos na sala de aula, na secretaria, professores.” Porém não podemos deixar de citar mais uma vez o relato da professora de que alguns alunos idosos sentiam-se incomodados com o comportamento dos mais jovens a ponto de deixar de estudar.

Em termos de ajuda mútua, tanto nas respostas concretas de todos os participantes como na observação, foi evidenciado que eles tinham uma interação positiva e que diante das dificuldades, aqueles que conseguiam compreender melhor uma atividade ou mesmo a leitura em si, acabavam auxiliando os colegas. Um aluno destacou em sua resposta a importância atribuída à discussão em equipe nesse sentido. Assim é possível salientar que a cooperação e a ação coletiva podem proporcionar uma melhor experiência em sala de aula e contribuir para a aprendizagem. Apenas o aluno mais idoso tendia a se reclamar um pouco e não interagir muito. No geral, a relação entre os sujeitos observados nas duas visitas ocorreu de forma positiva.

Quanto às dificuldades para estar estudando, as respostas variaram entre aqueles que não as sentiam (minorias das respostas) e os que ressaltaram embaraços referentes a vergonha por não saber ler, a distância entre a casa e a escola e dificuldades referentes à leitura especificamente.

Considerações Finais

O objetivo do estudo foi conhecer o perfil do estudante de EJA e a importância da modalidade em sua vida. Com base nos resultados (apesar de provenientes de uma amostra pequena de estudantes),

percebe-se uma convergência entre os achados da literatura e a experiência relatada: o aluno da EJA vem de condições socioeconômicas limitadas, trabalham (seja em empregos formais ou informais), enfrentam dificuldades em termos de conciliar estudo, trabalho, atenção à família e atividades domésticas.

Retornando aos estudos (marcados por diversos fatores de interrupção) ou começando dos primeiros passos, necessitam lidar com diversos entraves, os quais envolvem distância, baixa autoestima, problemas emocionais, convivência, dificuldades com a leitura e escrita. Esses indivíduos têm na escola uma esperança de avanço para suas vidas e a Educação de Jovens e Adultos representa possibilidades de concretização dos objetivos daqueles que, embora cheios de saberes, são colocados à margem da sociedade. Reforça-se, assim, a necessidade de atenção as peculiaridades dos educandos, reconhecendo-os em sua totalidade e possibilitando-os as condições necessárias para que se vejam como sujeitos de seu processo de aprendizagem e de suas próprias vidas.

Referências

- AMORIM, T. S. A. **Abandono escolar na educação de jovens e adultos**. 2018. 29f. Trabalho de conclusão (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2018.
- ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BARBOSA, M. L.; BRAGA, E. M. Caracterização da Educação de Jovens e Adultos (EJA). In: CONEDU – Nacional de Educação, 5., 2018, Pernambuco. **Anais** [...]. Pernambuco: Editora Realize, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/46675>. Acesso em: 18 jan. 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular para o 1º segmento**. São Paulo: Ação Educativa; Brasília, 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Os desafios da meta 8 do PNE: juventude, raça, cor, renda e territorialidade**. INEP, 2016.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos**. Alunas e alunos. Brasília, 2006 a.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos**. A sala de aula como vivência e aprendizagem. Brasília, 2006 b.
- CAMARGO, P. S. A. S. Representações sociais de docentes da EJA: afetividade e formação docente. **Educ. I** n.4. p.15671589, out.dez.2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217562362017000401567&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jan. 2020.
- CARVALHO, M. **Guia prático do alfabetizador**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- FERNANDES, C. L. *et al.* A inserção da mulher na modalidade EJA. In: **II CINTEDI – Congresso Internacional de Educação Inclusiva. II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva**. Campina Grande-PB, 2016. Disponível em: http://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA14_ID174_010920161. Acesso em: 24 ago. 2020.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 32ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREITAS, M. F. Q. Educação de jovens e adultos, educação popular e processos de conscientização: intervenção na vida cotidiana. **Educ. rev.** n.29, p.47-62, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jan. 2020.
- GOUVEIA, D. S. M.; SILVA, A. M. B. A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais. **En Educ. Ciênc.** v.17, n.3, set./dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172015000300749&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jan. 2020.
- LOPES, A. C. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos? **Rev. Bras. Educ.** n.26, maio. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782004000200009&lng=en. Acesso em: 20 jan. 2020.

MELO, M. B. Reflexões sobre o perfil do aluno EJA da E.E.E.F. Álvaro de Carvalho. 2014. 42f. M (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade E Paraíba. João Pessoa, 2014.

NEGREIROS, F. *et al.* Análise psicossocial do fracasso escolar na Educação de Jovens e Adultos. **Psic pesquisa**. [online] v.11, n.1. Juiz de Fora, jun. 2017. Disponível http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198212472017000100006. Acesso em: 18 jan. 2

PORCARO, R. C. Os desafios enfrentados pelo educador de jovens e adultos no desenvolvimento de se docente. **EccoS Rev. Cient.**, n.25, p.39-57, jan./jun., 2011. Disponível <https://www.redalyc.org/articul.oa?id=71521708003>. Acesso em: 21 jan. 2020.

SOUSA, E. S. O. S. **Prática pedagógica e uso de recursos didáticos na EJA**: um estudo em uma escola m Porto Velho-RO. 2016. 80f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Fundação Universidade Federal de Porto Velho, 2016.

VARGAS, P. G.; GOMES, M. F. C. Aprendizagem e desenvolvimento de jovens e adultos: novas práticas novos sentidos. **Educ. Pesqui.** v.39, n.2, abr./jun.2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v39n2/a> Acesso em: 20 jan. 2020.

Jeiziane da Silva Oliveira*[i]

*Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)